**CLAVAL, PAUL. TERRA DOS HOMENS: A GEOGRAFIA.
TRAD. DOMITILA MADUREIRA. SÃO PAULO: CONTEXTO,
2010**

Hugo Dubeux¹

¹Estudante de graduação da Universidade Federal de Pernambuco – Recife – Pernambuco – Brasil.
hugodubeux@gmail.com

Resenha recebida em 15/10/2014 e aceite em 24/10/2014

RESENHA

O professor e pesquisador Paul Claval, nascido em 1932, já recebeu o prêmio Vautrin Lud e escreveu cerca de 40 livros e 700 artigos e resenhas, trabalhando principalmente na área do pensamento geográfico e seus fundamentos epistemológicos. Em 2010, publica o livro *Terra dos homens: a geografia*, onde irá discutir a importância da geografia, e sua evolução. Após sua introdução, a obra é dividida em quatro grandes partes, onde as duas primeiras colocam uma discussão sobre o empirismo da geografia, e as duas últimas acerca da evolução histórica desta ciência.

Logo em sua introdução, o autor traz uma afirmação polêmica, quando coloca que “a geografia é um saber banal, ao alcance de todo mundo”. Com esta sentença, na realidade, Claval apoia que os estudos geográficos estão presentes no cotidiano do ser humano, em suas observações, em suas práticas. No entanto, não deixa de valorizar esta disciplina, afirmando que, mesmo que todo homem possa ser geógrafo, existe um rigor científico que separa os estudos geográficos de um simples relato.

A primeira parte deste livro é intitulada *A geografia como prática: habilidades e saberes empíricos*. Nesta é abordada a importância da geografia no dia a dia. O autor traz que a geografia permite aos homens, com seus 5 sentidos, se orientarem no espaço. Através de odores, de imagens, do tato, o homem cria pontos de referência, sem os quais se torna impossível a orientação espacial. Neste processo, têm forte papel a memorização e a toponímia, o saber das nomenclaturas, pois, aquilo que não tem nome, será mais difícil de ser lembrado. É essencial que se dê nomes aos lugares, possibilitando assim que estes se tornem pontos de referências, e facilitando sua menção e memorização.

Ademais, todo este referencial empírico da geografia trará ao homem maiores facilidades para o domínio do espaço. Além de saber se dirigir, é preciso compreender o valor de uma área, para melhor compreender se a mesma trará benefícios agrícolas, segurança, a possibilidade de instalação de um povo. É também de fundamental importância que se desenvolvam habilidades específicas para que se transforme a matéria presente em moradias e artefatos utilizados para a caça e a manutenção da vida. Assim, percebe-se que, para se orientar e “dominar” a terra, é preciso um sólido conhecimento do meio ambiente em que se vive, é preciso um sólido conhecimento geográfico.

No entanto, não é só física e ambiental a parte da geografia que auxilia o homem em sua instalação no meio. É preciso também estruturar o espaço social. As regras que ditam o viver de uma comunidade, os direitos de propriedade, as divisões políticas de tarefas, a cooperação para a produção, são alguns dos itens onde se atua também com um pensamento geográfico, tentando melhor organizar a permanência de um grupo social no espaço. Assim, é importante a junção das informações geográficas, físicas e humanas, que se tenha acerca de um território, para que se possa melhor administrá-lo e defendê-lo, fazendo o autor clara referência à publicação de Yves La Coste *A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*.

A segunda parte do livro, *A geografia como experiência do espaço e dos lugares*, aborda a geografia sob um caráter cultural, área esta muito relacionada com os estudos do autor da obra. Esta afirmação pode claramente ser sustentada através da seguinte declaração do autor

Entre os primeiros povos e nos meios populares das sociedades tradicionais, as geografias não são exclusivamente feitas de práticas e de habilidade. Elas são carregadas de experiências e de subjetividade. Viver é evoluir entre as paredes ou se encontrar ao ar livre. Viver é estar em contato com o meio ambiente em todos os sentidos: com a visão, a audição, o olfato, o tato. É se mover em um ambiente selvagem, cultivado ou urbanizado, é percebê-lo enquanto paisagem. As pessoas têm uma reação emotiva diante dos lugares em que vivem, que percorrem regularmente ou que visitam eventualmente. (CLAVAL, 2010, p.39)

Neste sentido, o autor faz alusão ao termo *topofilia*, cunhado pelo geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan em seu livro publicado originalmente em 1974, *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Com isso, traz a ligação emocional das pessoas pelo espaço em que habitam, colocando assim o conceito de lugar. Como uma de suas exemplificações desta necessidade do homem de “se sentir em casa”, o autor cita as grandes redes mundiais de hotéis, como os Hilton ou Sheraton, onde, independente de em que

localidade você vá, a decoração será a mesma. Assim, você não encontrará surpresas de um Hilton a outro, e a sensação de estranhamento só acontecerá fora do hotel, dentro dele você se sentirá confortável, em um ambiente familiar.

Dentro desta segunda parte também se encontra uma discussão acerca das viagens que o homem tanto busca. Acontece um sério questionamento filosófico sobre o porquê da necessidade humana de viajar, e porque, apesar das imensas dificuldades, dos sentimentos de perda e saudade, o homem continua buscando romper com seus hábitos. Além do geógrafo e de quem se interessa por esta ciência, todos que muito viajaram, ou gostariam, identificarão-se com as colocações apresentadas pelo autor, e se sentirão estimulados a viajar e melhor compreender esta necessidade que sentem.

Ocorre também uma argumentação acerca do aqui e do alhures, o mesmo e o outro, as heterotopias existentes dentro de um espaço social. Assim, são discutidas as diversas separações que existem, por exemplo, dentro de uma cidade, colocando que as experiências vividas por cada pessoa, dependendo de em que “grupo” ela se encontrar, serão diferentes. Traz como exemplos de heterotopias hospícios, prisões, hospitais, clínicas, internatos. Divisões entre áreas onde se desenrola a vida cotidiana e onde pessoas são isoladas da sociedade. Assim, a experiência do espaço depende do meio e do grupo social nele inserido, ela “nasce da experiência que os homens têm dos lugares e das emoções que esta suscita.” (Claval, 2010, p.55)

A percepção geográfica vai além do visível, do tátil. É de fundamental importância também a valorização da imaginação geográfica enquanto forma de experiência espacial. O espaço além do que o homem vê existe, e é imaginado e percebido dentro da mente humana. Este é criado através de relatos, e dos padrões existentes dentro de sua própria realidade. Ademais, este espaço para lá do vivenciado será criado pelo homem correspondendo a suas próprias realizações, suas indagações, seus sonhos. Os homens tendem a criar outros mundos para dar sentido a sua existência, espacializando no interior de seu ser tanto mundos que se tenham provas de sua existência, como um país nunca visitado, como os nunca concretamente provados, como o inferno ou o paraíso.

A terceira parte do livro tem como título *A Geografia como ciência: contribuição dos gregos e sua reinterpretação na renascença*. A discussão então iniciada começa desde a importância da escrita, que deu suporte para a memória, e fixou os direitos. Com esta base, trata do início da Geografia na Jônia, com os saberes vernaculares, onde através de poesias o espaço era construído, e o homem nele se reconheceria. É nesta época, ainda antes de cristo,

que Eratóstenes cunha o termo geografia trazendo, em suas obras, um maior caráter científico a esta disciplina. Assim, nas cidades jônicas inicia-se um processo de sair da simples observação das cidades para um real pensamento teórico sobre elas, buscando um certo racionalismo.

Foi Anaximandro de Mileto (610 a.C. – 546 a.C.) o primeiro a desenhar a terra habitada, a criar um mapa. Com a carta de Anaximandro a Geografia passa a identificar pontos na superfície terrestre, permitindo a criação de uma representação cartográfica. A geografia passa também a ser entendida como astronomia, lendo no céu o posicionamento da Terra, as rotações. Eratóstenes se baseia muito na geometria para a aplicação dos saberes geográficos, localizando pontos através de coordenadas. Os jônicos trazem em suas cartas geográficas uma justaposição de figuras geométricas, como uma montagem entre linhas e figuras, permitindo também uma regionalização do espaço. Já nestes estudos existe uma preocupação com a interdependência dos fenômenos. Os geógrafos, diferente dos corógrafos, tentam situar os diferentes complexos uns em relação aos outros, tentando entender os sistemas do planeta em sua totalidade.

Com a Idade Média ocorre um certo declínio teórico e um aprofundamento empírico, e enriquecem-se as formas de medição e os meios de orientação. Assim, as novas técnicas facilitaram as viagens, e possibilitaram uma maior precisão nos dados auferidos. A geografia começa então a possuir novas características, como a de associar o posicionamento no planeta às características físicas do espaço, iniciando estudos do que hoje vemos como influência da latitude e da longitude nos diferentes climas, vegetações, entre outros. Com estes estudos, Varenius vai além da simples descrição das características físicas, acreditando que o leitor se interessa na verdade pelos traços humanos, as características dos diferentes povos, dos diferentes costumes.

A quarta e última seção do livro, *A geografia como ciência: a geografia moderna e suas mutações*, vai trazer uma discussão mais atual acerca da ciência em questão, iniciando-se no século XVII, onde o geógrafo já é reconhecido como tal, sendo este o profissional que desenha cartas e as comenta. No século XVIII a cartografia, então coração da ciência, começa a ficar maior do que esta. Quando a geografia se separa da única preocupação de construir cartas geográficas, acaba perdendo seu apoio institucional. Iniciam-se então estudos acerca do meio, das formas, Humboldt funda a geografia botânica, e é de toda esta razão naturalista que, no século XIX, surge a geografia física.

Em 1866 Haeckel vai cunhar o termo ecologia, analisando as interações entre os seres vivos e o meio em que vivem. Nesta lógica, Friedrich Ratzel vai construir, a partir de 1882, sob o nome de antropogeografia, a ecologia do homem, dando início aos estudos acerca da geografia humana. Começa então um debate sobre o determinismo na vida social, colocando o homem enquanto dependente e determinado pelo meio. O francês Vidal de la Blache vai de encontro a esta ideia, colocando que a natureza não impõem, ela propõem. Com isso, o debate, graças a La Blache, passa a ter um caráter mais possibilista, mesmo que este termo só virá a ser aceito graças aos trabalhos de Lucien Febvre.

No início do século XX a geografia humana vai passar por uma grande expansão, recebendo apoio de governos, formando cidadãos, ensinando o povo a amar seu país, e guiando a expansão colonial, assim, “a geografia dos anos 1910, 1920 ou 1930 se interessa pelo poder (...)” (Claval, 2010, p.115). No entanto, a geografia clássica se prende muito ao debate determinismo x possibilismo e, após os desastres da segunda guerra mundial, o crescimento das desigualdades entre os países, a aceleração da descolonização, a Geografia se encontra desarmada diante dos novos problemas. Assim, cresce um questionamento para uma revisão de seus fundamentos epistemológicos.

Nos anos 1950 e 1960 progride a estatística espacial, a Nova Geografia se baseia nos métodos quantitativos. Passa-se a estudar os deslocamentos das pessoas, dos bens e das informações, mobilizando técnicas quantitativas muito mais rigorosas. O autor coloca esta nova geografia não como oposição à geografia clássica, mas como complemento. Ela não vai dar grande importância à dimensão ecológica dos fatos humanos, deixando-a para segundo plano, e entrará em decadência já no início dos anos 1970. Após trazer esses questionamentos da mudança da ciência em si, o autor também discute as mudanças de mundo, como por exemplo a terra dos homens na era digital, e a importância do espaço e do homem nesta.

Percebe-se então que, nesta obra, o autor tenta construir um melhor entendimento acerca do que é a Geografia. Em um primeiro momento a coloca como vivência do homem sobre a Terra, através do empirismo, dos sentimentos, da observação, da orientação. Em seguida, traz um debate histórico, a evolução do pensamento, a caracterização como ciência, colocando a evolução desde os primórdios até os dias atuais. Neste sentido, tenta melhor descrever a Geografia, como no seguinte parágrafo.

A Geografia explica (i) como os homens se orientam na superfície terrestre e como eles a representam; (ii) como eles modelam a terra para habitá-la e tirar dela aquilo que consomem; (iii) como eles a vivem, se apegam a ela e a fazem sua. Não é uma ciência natural do meio ambiente, ainda que ela integre muitos dos resultados obtidos nesse campo. É uma ecologia das sociedades humanas. O homem faz parte da natureza, como todos os outros seres, mas ele vive também no sonho, no

imaginário. Suas escolhas são orientadas, seus comportamentos, justificados, certas porções do espaço, valorizadas, até sacralizadas, em referência às imagens que ele constrói para si do alhures, do aquém ou do além. (CLAVAL, 2010, p.133)

A leitura desta obra é recomendável para quem inicia sua graduação em Geografia e também para quem busca um melhor conhecimento sobre esta ciência, sendo da área ou não, mas não apenas. A recomendação estende-se para todos aqueles que buscam uma melhor compreensão sobre a humanidade, sobre o espaço, e, principalmente, para todos aqueles que melhor buscam compreender a Terra dos Homens.

REFERÊNCIAS

CLAVAL, Paul. Terra dos homens: a geografia. Trad. Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

LACOSTE, Yves. Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Trad. Maria Cecília França. – 3ª.Ed.- Campinas, SP: Papirus, 1933

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.